

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Preconceito linguístico - pelos caminhos da multiculturalidade

Trabalho de avaliação da Unidade Curricular

Expansão, contacto e interculturalidade

Jamil Abdalla Auhi

AI 80449

Orientador: Prof.º. Dr.º. Manuel Gonçalo Sá Fernandes



Vila Real, 2024

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Preconceito linguístico - pelos caminhos da multiculturalidade

Trabalho de avaliação da Unidade Curricular

Expansão, contacto e interculturalidade

Jamil Abdalla Auhi, AI 80449

Orientador: Prof.º. Dr.º. Manuel Gonçalo Sá Fernandes

Vila Real, 2024

Resumo

O preconceito linguístico é um fenômeno social que envolve a discriminação contra indivíduos ou grupos com base em sua forma de falar ou escrever. Essa discriminação geralmente emerge de atitudes negativas em relação a variações linguísticas que são consideradas inferiores ou inadequadas em comparação com um padrão linguístico estabelecido. Tais padrões são frequentemente associados a formas de fala de grupos dominantes, tanto em termos sociais quanto econômicos. Este preconceito manifesta-se de várias formas, incluindo estigmatização de dialetos regionais.

No presente artigo o autor ocupou-se em analisar o preconceito linguístico como paradigma estabelecido pelas classes privilegiadas e impostas aos diferentes indivíduos e grupos que a única forma de expressão considerada é as baseadas nas normas cultas. Foi apresentado no artigo as diferentes formas que o preconceito linguístico se apresenta, os impactos sociais e a forma de combater este comportamento. Os capítulos foram assim distribuídos:

No primeiro capítulo foi apresentado a justificação, as perguntas que nortearam o presente artigo e o objetivos gerais e específicos.

No segundo capítulo foi apresentado as diferentes abordagens sobre a temática ao longo das pesquisas, assim como sua trajetória.

No terceiro capítulo desenvolvemos o preconceito linguístico no seio da sociedade, a estigmatização dos falantes e suas consequências.

Por fim foi abordado as formas de desconstruir este paradigma.

Palavras-chave: Preconceito, Linguística, identidade, Sociedade, Exclusão

Abstract

Linguistic prejudice is a social phenomenon that involves discrimination against individuals or groups based on their way of speaking or writing. This discrimination often emerges from negative attitudes towards linguistic variations that are considered inferior or inappropriate compared to an established linguistic standard. Such patterns are often associated with forms of speech from dominant groups, both in social and economic terms. This prejudice manifests itself in several ways, including stigmatization of regional dialects.

In this article, the author analyzed linguistic prejudice as a paradigm established by privileged classes and imposed on different individuals and groups as the only form of expression considered is those based on educated norms. The article presented the different ways in which linguistic prejudice presents itself, the social impacts and how to combat this behavior. The chapters were distributed as follows:

In the first chapter, the justification, the questions that guided this article and the general and specific objectives were presented.

The second chapter presented the different approaches to the topic throughout the research, as well as its trajectory.

In the third chapter we develop linguistic prejudice within society, the stigmatization of speakers and its consequences.

Finally, ways to deconstruct this paradigm were discussed.

Keywords: Prejudice, Linguistics, identity, Society, Exclusion

Índice geral

Resumo	ii
Palavras-chave	ii
Abstract	iii
keywords	iii
Índice Geral	iv
Índice das figuras	vi
Abreviaturas e Siglas	vii
Introdução	1
Capítulo 1. Procedimentos da Investigação	2
1.1 Justificação e Contextualização do Estudo	2
1.2 Perguntas da Investigação	2
1.3 Objetivos	2
1.3.1. Objetivos Gerais	3
1.3.2. Objetivos Específicos	3
1.4 Metodologia da Investigação	3
Capítulo 2. Preconceito linguístico e suas abordagens	5
2.1. Preconceito linguístico e fragmentação social	5
2.2. Trajetória	5
2.3. Variantes linguísticas	6
Capítulo 3. O preconceito linguístico como paradigma	8
3.1. Glotofobia, sotaques e dialetos	9
3.2. A estigmatização	10
3.3. Consequências do preconceito linguístico	11
3.4. A desconstrução do preconceito linguístico	11
3.4.1. Educação e conscientização pública	13

3.4.2. Políticas de inclusão linguística	13
3.5. Linguagem X Nivelamento	14
Considerações finais	16
Referências bibliográficas	18

Abreviaturas e Siglas

ENEM.....	Exame Nacional de Ensino Médio
ONU	Organização das Nações Unidas
UNESCO.....	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Introdução

Preconceito linguístico, um fenômeno social e cultural que refere-se à discriminação baseada nas características linguísticas de uma pessoa ou grupos, como sotaque, dialeto ou uso de uma língua específica. Esse tipo de preconceito pode influenciar negativamente a percepção de competência, status e identidade de um indivíduo, levando a implicações sérias em aspectos sociais, intelectuais e profissionais. Essas características incluem, mas não se limitam a, sotaque, dialeto, escolha de palavras e estrutura gramatical. O preconceito linguístico tende a julgar o falante pelo modo de se expressar, face aos meios linguísticos usados por ele.

Bagno (2007) assim descreve este comportamento: "...o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é "certo" e o que é "errado." (Bagno, 2007, c1, p.13).

As origens do preconceito linguístico estão profundamente ligadas a questões históricas, políticas e culturais, onde certas formas de fala são valorizadas sobre outras, muitas vezes refletindo desigualdades de poder. Por exemplo, dialetos ou sotaques associados a grupos socioeconômicos mais baixos ou minorias étnicas frequentemente enfrentam estigmatização. Além disso, falantes de uma segunda língua podem ser julgados com base em sua fluência ou sotaque, independentemente de sua competência profissional real ou sua posição sócio-econômica.

Wardhaugh & Fuller destacam que os indivíduos incluem em seus interlocutores valores sociais e ideologias sobre linguagem, falantes e normas sociais. (Wardhaugh, R. & Fuller, J.M., (2015). p.103).

As consequências do preconceito linguístico variam desde exclusão social e barreiras educacionais à discriminação no local de trabalho. Esses preconceitos perpetuam a desigualdade e podem afetar significativamente a autoestima e a identidade cultural dos indivíduos.

Capítulo 1 - Procedimentos da investigação

1.1 Justificação e contextualização do estudo

O presente artigo tem como proposta trazer uma reflexão teórica sobre a relevância e da investigação sobre o preconceito linguístico, suas causas e efeitos, seja sobre o indivíduo ou sobre a sociedade. A relação preconceito linguístico e cultura está intimamente ligada ao entendimento da ação da comunicação oral, evidenciando o estado imaterial cultural, onde classes ou grupos tentam impôr-se sobre outros grupos, considerados inferiores, tendo por análise e referência tão somente a forma de comunicação oral, face a sotaques, e vícios de linguagens regionais. O preconceito linguístico, definido como uma atitude negativa em relação a variantes linguísticas específicas ou a seus falantes, é um fenómeno global que impacta e estigmatiza o indivíduo frente a comunicação, a inclusão social e a educação, dos que diferem dos seus meios de comunicação oral conhecidos e estabelecidos.

1.2. Perguntas da investigação

Foram formuladas perguntas que nortearam as nossas investigações no sentido de termos uma investigação orientada para a temática sugerida dentro do atual cenário.

São elas:

1. O preconceito linguístico causa impactos no indivíduo e na sociedade?
2. O preconceito linguístico é um comportamento isolado ou está enraizado na sociedade?
3. Poderá o indivíduo ter sua identidade afetada por meio do preconceito linguístico?
4. O que a sociedade poderá fazer para combater tal comportamento?

1.3. Objetivos

O objetivo principal deste artigo é explorar e analisar o preconceito linguístico em diferentes contextos sociais e culturais. Busca-se entender como o preconceito linguístico se manifesta, quais são suas causas e consequências, e como ele afeta a comunicação e a

interação social. Nossa pesquisa teve por objetivo apresentar um estudo no sentido de identificar as diferenças linguísticas e seus possíveis preconceitos gerados dentro de uma sociedade; contribuir para o estudo da linguística com os conceitos de diferenças linguísticas e suas aprovações nos grupos sociais; desenvolver uma narrativa estudando as diferenças linguísticas, e se estas podem promover o isolamento e exclusão dos indivíduos face aos seus caminhos do preconceito da comunicação oral.

1.3.1. Objetivos gerais: Investigar e documentar as raízes históricas do preconceito linguístico em um ou mais contextos sociolinguísticos específicos; Analisar Casos Contemporâneos de Preconceito Linguístico; Estudar os efeitos do preconceito linguístico em grupos específicos, como falantes de dialetos regionais, línguas minoritárias ou variantes; Avaliar como as políticas linguísticas em diferentes contextos podem contribuir para a perpetuação ou mitigação do preconceito linguístico; Propor Intervenções Pedagógicas para Combater o Preconceito Linguístico. Temos também por objetivo discutir sobre a abrangência de fatores internos e externos que influenciam esse comportamento cultural.

1.3.2. Objetivos específicos: Temos como objetivos específicos:

- Definição e Contextualização do Preconceito Linguístico;
- Examinar diferentes formas e exemplos de preconceito linguístico;
- Investigar as consequências do preconceito linguístico para indivíduos e grupos;
- Apresentar e avaliar as diferentes estratégias e políticas adotadas para combater o preconceito linguístico.

1.4 Metodologia da investigação

A metodologia utilizada foi a de pesquisas que privilegiassem o cenário linguístico, onde os itens de maior relevância para o nosso estudo e contextualização da temática, foram destacados. Foram analisadas diversas fontes que serviram como referência para o nosso

trabalho. Pesquisas em livros, entrevistas, artigos acadêmicos, teses e websites especializados foram exaustivamente investigados com a intenção de oferecer um trabalho com o máximo de informações e embasamento, de forma que diminuísse o máximo uma possível margem de erros.

Pesquisas foram desenvolvidas de forma que a fidelidade e a preocupação com o cenário dinâmico linguístico, durante a elaboração e realização das mesmas, fossem retratadas livre de interpretações ou análises equivocadas. Com uma temática de cunho multidisciplinar e com sua efetiva complexibilidade, contextualizamos o preconceito linguístico na sociedade, muitas vezes de caráter cultural híbrido, onde as definições de suas raízes, não raramente, ocorrem por meios indiretos, acrescentados aos convencionados por alguns teóricos. Para um maior entendimento e contextualização, usamos como referência as diversas abordagens e segmentos da linguística, onde podemos exemplificar o preconceito linguístico, suas variantes e suas diferentes interpretações assim como seus impactos no indivíduo e na sociedade.

Para a concretização do nosso artigo, foi previamente estabelecido uma série de objetivos a serem investigados, de forma que permitisse a apresentação de um conjunto de informações que amenizasse a margem eventual de erros e/ou equívocos. Pesquisas foram desenvolvidas, afim de aproximarmos ao máximo o trabalho do cenário atual existente. Diversas vertentes de informação foram recorridas para o desenvolvimento e embasamento do nosso trabalho.

Capítulo 2 – Preconceito linguístico e suas abordagens

O preconceito linguístico não é um fenômeno novo, mas tem raízes profundas na história da humanidade. Desde os primórdios da civilização, as línguas têm sido usadas como ferramentas dos elementos de identidade.

2.1. Preconceito linguístico e fragmentação social

Sociedades antigas frequentemente valorizavam determinadas línguas ou dialetos em detrimento de outros, criando hierarquias linguísticas que refletem até os dias de hoje. Podemos citar extensa bibliografia com abordagens sobre a temática, referindo-se principalmente ao Brasil, desde os tempos coloniais até o contemporâneo.

O preconceito linguístico, segundo o linguista Marcos Bagno, é a rejeição às variedades linguísticas de menor prestígio. Bagno entende que qualquer maneira de expressão que não seja as convencionadas pelas normas cultas, são vistas como desrespeito e desdém pelos interlocutores.

Para Mariani (2004), o dilema linguístico no Brasil colonial evidencia o processo colonizador, onde, frente a diversidade de línguas no território recém ocupado, seria necessário impor uma unidade de língua falada, facilitando o domínio político-religioso.

2.2. Trajetória

Analisando a trajetória sobre o preconceito linguístico, podemos encontrar diversas obras relevantes sobre a abordagem do preconceito e estigmatização do comportamento linguístico. Como exemplo podemos citar Labov (1969), onde aborda a variação linguística e sua percepção socio-cultural.

A discussão das diferentes abordagens teóricas ao longo do tempo, referentes a este comportamento, sofreu mudanças. Podemos citar estudos como de Cameron, em seu livro *Verbal Hygiene* (1995), onde ela assim descreve sua posição sobre o preconceito linguístico:

Considerada mesmo nos termos mais estritamente utilitários, esta definição restrita é infelizmente empobrecido. (Quando os empregadores se queixam, como fazem incessantemente, de que aqueles que abandonam a escola e até mesmo os graduados não conseguem escrever bem o suficiente, será que é realmente apenas erros ortográficos e concordância sujeito-verbo de que estão falando?. (Comeron, Verbal Hygiene, 1995, p.115).

2.3. Variantes linguísticas

A variação linguística é um fenômeno devido as formas de expressão, seja falada ou escrita, relacionadas diretamente a características sociais, naturais ou econômicas.

Este fenômeno ocorre devido ao dinamismo da sociedade e seus elementos. Elas respondem a fatores como a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social do falante e o grau de formalidade do contexto da comunicação.

O preconceito linguístico tem seu embrião nas variantes linguísticas, que comumente são estigmatizadas no meio social, político e econômico.

Monte (2022).assim as subdividem: “Existem quatro tipos de variantes linguísticas:

1. variações diatópicas (geográficas),
2. variações diacrônicas (históricas),
3. variações diastráticas (grupos sociais),
4. variações diafásicas (formal x informal)”.

Capítulo 3. O preconceito linguístico como paradigma

É abordado neste capítulo os fenômenos os sotaques, os dialetos e a glotofobia no seio social. Primeiramente devemos conceituar ambos o termo glotofobia e definir suas diferenças. Pinto (2023), descreve a glotofobia como sendo “a discriminação pela pronúncia ou sotaque, chamada de glotofobia, é, ironicamente, uma das formas mais audíveis e, em paralelo, mais invisíveis de discriminação”.

O preconceito linguístico estende-se até o multilinguismo. Segundo Ibanez (2021), “utiliza-se o termo multilinguismo para descrever a coexistência de diversas línguas no seio de um mesmo grupo social ou de um mesmo território”.

Ao longo da história da humanidade, as línguas desempenharam um papel fundamental na comunicação e na construção da identidade social e cultural. Elas servem como veículos não apenas para a transmissão de informações, mas também para a expressão de nossa individualidade e identidade de grupos sociais. No entanto, apesar de sua importância, as línguas muitas vezes são vítimas de um fenômeno estigmatizado: o preconceito linguístico.

Para compreendermos o preconceito linguístico em sua totalidade, é fundamental termos o entendimento da definição do termo. Para Bertaglia (2023), o preconceito linguístico refere-se à discriminação ou desvalorização de uma forma de falar, dialeto ou variedade linguística em relação a outra. Em outras palavras, envolve o julgamento de uma pessoa ou grupo com base na maneira como eles se expressam verbalmente.

As raízes desse preconceito estão intrinsecamente ligadas à história da linguagem e da sociedade. O próprio surgimento da linguagem como meio de comunicação foi um marco na evolução humana, permitindo que as pessoas compartilhassem ideias, sentimentos e informações de maneira mais sofisticada do que qualquer outra espécie. No entanto, à medida que as sociedades humanas se desenvolviam e se diversificavam, também surgiam diferenças linguísticas.

As línguas, dialetos e variedades linguísticas começaram a se formar com base em fatores geográficos, culturais e históricos. Cada comunidade desenvolveu sua própria maneira única de se comunicar, adaptando-se ao seu ambiente e às suas necessidades. Essa diversidade linguística foi e ainda é uma riqueza cultural inestimável, refletindo a riqueza da experiência humana.

Santos (2019), tem por entendimento que “em vez de considerar tanto o plurilinguismo como a pluralidade linguística no interior duma mesma língua como sinais de vitalidade e de riqueza do mundo e da sociedade onde vivemos, a glotofobia nega-os, menospreza-os e procura aniquilá-los”.

No entanto, em vez de ser celebrada, essa diversidade muitas vezes se tornou alvo de preconceito. Em sociedades que valorizavam o poder e o prestígio de uma língua ou variedade específica, outras formas de falar eram frequentemente consideradas inferiores. Possenti (1996, p. 80) tem por entendimento que as “diferenças linguísticas não são erros, são apenas construções ou formas que divergem de um certo padrão. São erros aquelas construções que não se enquadram em qualquer das variedades de uma língua”. O preconceito linguístico começou a se enraizar, muitas vezes acompanhado de estereótipos e estigmas associados a determinadas maneiras de falar. É crucial analisar as suas dimensões sociais e psicológicas.

O preconceito linguístico é a tendência de julgar e valorizar uma língua ou variedade linguística em relação a outra de maneira desigual, muitas vezes atribuindo um valor inferior a certos dialetos, sotaques ou formas de falar. Essa forma de discriminação linguística ocorre em todo o mundo e afeta indivíduos, comunidades e até mesmo nações inteiras. Para compreender melhor esse fenômeno complexo e suas implicações sociais, é fundamental explorar suas raízes, manifestações e consequências.

3.1. Glotofobia, sotaques e dialetos

O preconceito linguístico está presente em questões culturais, históricas e sociais. Em muitos casos, as línguas que são alvo de preconceito foram historicamente marginalizadas

por grupos dominantes ou pelo poder político, onde certas formas de linguagem são privilegiadas em detrimento de outras. Isso frequentemente reflete e perpetua desigualdades de poder e status. Por exemplo, sotaques ou dialetos associados a grupos socioeconômicos mais altos ou a "centros de poder" linguístico são frequentemente vistos como mais prestigiosos ou "corretos". As línguas indígenas em muitas partes do mundo, por exemplo, frequentemente enfrentaram discriminação devido à colonização e à imposição das línguas dos colonizadores. Da mesma forma, os sotaques regionais ou dialetos que diferem da norma padrão são frequentemente vistos como inferiores em sociedades que promovem uma variedade linguística em detrimento de outras.

Comeron, em seu livro *Verbal Hygiene* (1995), questiona a importância das regras gramaticais e a forma de interpretá-las

A forma de intervir em debates públicos sobre a gramática não é negar a importância dos padrões e valores, mas concentra-se criticamente nos padrões e valores específicos que estão sendo invocados e propor alternativas - assim como a maneira de mudar as leis injustas não é abolir todas as leis, mas para fazer outras mais esclarecidas. Não há nada de errado em querer estabelecer padrões de excelência no uso da linguagem. Pelo contrário, o que está errado é definição estreita de excelência como mera "correção" superficial. (Comeron, 1995, *Verbal Hygiene*, p.115)

3.2. A estigmatização

Sotaques regionais e dialetos frequentemente são estigmatizados e vistos como "errados" ou "menos educados" em comparação com a variedade linguística considerada padrão, em flagrante comportamento glotofóbico. Isso pode levar à exclusão de indivíduos que falam com um sotaque ou dialeto específico, podendo afetar o mercado de trabalho, onde em muitos casos, os empregadores preferem candidatos que falam a variedade padrão da língua, mesmo que isso não seja necessário para o trabalho em questão. Isso pode resultar na exclusão de indivíduos talentosos e qualificados, com base em sua forma de falar.

Neologismos (criação de novos vocabulários no idioma, muitas vezes por necessidade de expressão por parte dos falantes) e estrangeirismos (vício de linguagem que consiste no uso de palavras, expressões ou construções próprias de línguas estrangeiras) devem ser aceitos livres de preconceitos e estigmas, sendo considerados apenas como uma forma que difere da chamada forma culta de se expressar.

Assim se manifesta Melo (1972), sobre a obra *Iracema*, de José de Alencar, frente um defeitos fundamentais e incorreções na linguagem utilizada no livro de Alencar:

[...] o defeito que eu vejo nessa lenda, o defeito que eu vejo em todos os livros brasileiros, e contra o qual não cessarei de bradar intrepidamente, é a falta de correção a linguagem portuguesa, ou antes a mania de tornar o brasileiro uma língua diferente do velho português, por meio de neologismos arrojados e injustificáveis, e de insubordinações gramaticais, que chegarão a ser risíveis se quiserem tomar as proporções de uma insurreição em regra contra a tirania de Lobato. (MELO, 1972, p.11-12).

De forma expícita, notamos o preconceito linguístico entre os intelectuais, onde as regras gramaticais e o tipo de linguagem usada advém sobre o conteúdo, gerando críticas que nos convida a refletir sobre o entendimento da relevância da crítica em questão.

3.3. Consequências do preconceito linguístico

O preconceito linguístico não é apenas prejudicial para as pessoas que são alvo, mas também para a sociedade como um todo. Ele perpetua desigualdades, impede o pleno desenvolvimento das línguas e mina a diversidade cultural. Para Bortoletti (2021), o preconceito linguístico pode contribuir para a exclusão social e econômica de indivíduos e comunidades. As consequências do preconceito linguístico vão além do mero desconforto social. Elas podem incluir discriminação no local de trabalho, barreiras educacionais, e até mesmo impactos na justiça social e legal. O preconceito linguístico pode limitar as oportunidades de emprego, acesso à educação de qualidade e participação em processos democráticos e comunitários. Esses preconceitos perpetuam a desigualdade e podem afetar

significativamente a autoestima e a identidade cultural dos indivíduos. O preconceito linguístico pode se manifestar de várias maneiras, desde piadas e estereótipos até discriminação institucionalizada e exclusão do indivíduo ou grupo. Políticas linguísticas que promovem uma língua em detrimento de outras podem perpetuar o preconceito linguístico. Isso ocorre quando certas línguas são desvalorizadas no meio social, limitando assim as oportunidades para o indivíduo ou comunidades que as falam.

3.4. A desconstrução do preconceito linguístico

O processo de desconstrução do preconceito linguístico exige uma abordagem ampla. É necessário promover a conscientização sobre a diversidade linguística e o respeito por todas as formas de expressão. Políticas educacionais inclusivas e treinamentos para reconhecer e desafiar preconceitos linguísticos são fundamentais.

Para combater o preconceito linguístico, é essencial promover a consciência e o respeito pela diversidade linguística. Isso envolve desafiar noções de superioridade linguística e reconhecer a legitimidade de todas as formas de fala. Iniciativas educacionais e políticas públicas podem desempenhar um papel crucial nesta luta, conforme destacado por estudiosos como Marcos Bagno em "Preconceito Linguístico: o que é, como se faz".

Bagno ressalta que:

Como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada. (Bagno, 2007, p,13).

Tal comportamento acentua o debate entre normas cultas e coloquiais, em um debate que refere-se a registros que emblematizam a dinâmica entre as questões cultura, tradição e a identidade.

Combater o preconceito linguístico é um desafio que requer esforços contínuos e colaboração entre diversos setores da sociedade. Através da educação, políticas inclusivas, legislação apropriada e iniciativas comunitárias, é possível criar um ambiente mais justo e

respeitoso, onde todas as formas de expressão linguística são valorizadas e respeitadas. Este esforço não apenas beneficia os indivíduos afetados, mas também enriquece a sociedade como um todo, celebrando a riqueza e a diversidade da experiência humana.

Uma das primeiras conclusões que emergem é a compreensão da vasta complexidade do preconceito linguístico.

Santos (2019), questiona a globofobia em um aspecto colonial:

A reflexão sobre a glotofobia também permite questionar os imaginários linguísticos e culturais numa perspectiva pós-colonial ou descolonial. Devem ser novamente pensados os discursos apoiados numa territorialização política ou ideológica e sustentados por referências à pureza da origem, da língua, da religião ou do dogma ideológico.

Este fenômeno não pode ser reduzido a uma única causa ou manifestação; ele varia significativamente de acordo com contextos culturais, sociais e geográficos. Portanto, qualquer abordagem para combatê-lo deve ser sensível a essa diversidade e adaptada a contextos específicos.

3.4.1. Educação e conscientização pública

A luta contra o preconceito linguístico começa com a educação que desempenha um papel fundamental na mitigação do preconceito linguístico.

Para Bortoni, R., & Maris, S., (2004), “A pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental”.

A promoção da conscientização sobre a diversidade linguística e a valorização de todas as formas de falar são passos essenciais para combater estereótipos e preconceitos arraigados. Isso deve começar nas escolas e se estender à mídia, à indústria e à sociedade em geral.

É fundamental que os sistemas educacionais incorporem programas que promovam o entendimento e a valorização da diversidade linguística. Isso inclui a introdução de disciplinas

que discutam a sociolinguística e a história das línguas e dialetos, desfazendo mitos e estereótipos. As escolas tem o objetivo de promoverem a conscientização da diversidade linguística e a desconstrução da glotofobia (Perini, 1999, p.60).

3.4.2. Políticas de inclusão linguística

Organizações e governos devem adotar políticas que promovam a inclusão linguística. Isso pode incluir a oferta de serviços em múltiplas línguas, a promoção de práticas de contratação que não discriminem com base na linguagem e a implementação de programas de treinamento para funcionários sobre diversidade linguística. Campanhas de conscientização pública podem ser eficazes para educar o público em geral. Estas campanhas devem destacar a importância da diversidade linguística e como o preconceito linguístico pode afetar negativamente indivíduos e comunidades.

Para Bortoletti (2021), “o fim do preconceito linguístico depende de muitos fatores, especialmente da reconstrução social de alguns conceitos”. É fundamental dar voz às comunidades linguisticamente marginalizadas, permitindo que elas expressem suas experiências e desafios. Isso pode ser alcançado por meio da promoção de iniciativas que valorizem e preservem línguas minoritárias e dialetos, fortalecendo assim a identidade cultural desses grupos.

3.5. Linguagem X Nivelamento

A linguagem é a ferramenta utilizada para a comunicação e a língua é um dos códigos utilizados pela linguagem. Não existe comunicação se não for convencionado a linguagem, contudo, a comunicação diferencia-se do nivelamento da linguagem.

Souza (2023), enfatiza que devemos considerar a linguagem formal, usada em um contexto cerimonioso, onde deve ser utilizada a norma culta do idioma, e que não deve ser substituída pela linguagem informal, sob a pena de ser rotulada como preconceito linguístico.

O nivelamento, no contexto linguístico, refere-se ao processo pelo qual as diferenças extremas entre dialetos ou formas de fala dentro de uma língua tendem a se atenuar ou

homogeneizar, o que nem sempre é possível, sob pena de impossibilitar, em alguns casos específicos, o grau de hierarquia entre os falantes.

Considerações finais

A pesquisa foi desenvolvida de forma que privilegiasse o contexto do preconceito linguístico frente a construção da cultura e da identidade do indivíduo, seus impactos e suas consequências. Concluímos que o preconceito linguístico é mais do que uma questão de preferência ou gosto pessoal; é uma forma de discriminação que tem consequências reais e profundas. Afeta as oportunidades educacionais, o acesso ao emprego, a interação social e a autoestima das pessoas. Além disso, perpetua desigualdades sociais e culturais, reforçando estereótipos e barreiras. Enfrentar o preconceito linguístico requer esforços contínuos e colaborativos. É necessário um compromisso com a educação, políticas inclusivas, e ações afirmativas para promover a igualdade linguística. Existe uma oportunidade significativa para pesquisadores, educadores e formuladores de políticas de colaborarem na criação de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa para todas as formas de expressão linguística.

Em conclusão, o preconceito linguístico é uma barreira significativa para a igualdade e a inclusão. No entanto, com esforços conscientes e coordenados, podemos avançar em direção a uma sociedade onde a diversidade linguística é celebrada e respeitada. Ao fazer isso, não só combatemos a discriminação, mas também enriquecemos nosso próprio entendimento do mundo e uns dos outros. Este é um objetivo digno, que requer dedicação contínua e colaboração em todas as esferas da sociedade.

Por fim, a luta contra o preconceito linguístico é uma responsabilidade coletiva. Governos, instituições educacionais, empresas, mídia e indivíduos têm um papel a desempenhar na mudança cultural necessária para superar esse preconceito arraigado. A promoção da aceitação da diversidade linguística deve ser uma prioridade em todas as esferas da sociedade. O preconceito linguístico é um desafio persistente que requer esforços contínuos e multidisciplinares para ser superado. É uma questão que vai além das palavras, atingindo o cerne da nossa identidade e cultura. No entanto, ao reconhecer a sua complexidade e tomar medidas concretas para promover a igualdade linguística e o respeito

por todas as formas de falar, podemos trabalhar juntos para construir um mundo mais inclusivo e justo, onde a diversidade linguística seja celebrada, e não discriminada.

Esclarece o autor que não faz apologia ao “falar errado”, segundo as regras básicas gramaticais, assim como discursos incompreensíveis devido a vícios coloquiais, tão qual nivelamento entre os interlocutores.

Referências bibliográficas

- Bagno, M.(2007), Preconceito Linguístico – o que é,como se faz; cap.1. A mitologia do preconceito linguistico, 49ª Edição; Editora Edições Loyola, p.13,
- _____, Preconceito Linguístico – o que é,como se faz; cap.1. A mitologia do preconceito linguistico, 49ª Edição; Editora Edições Loyola, p.43
- Bertaglia, R.,(2023), Preconceito linguístico: o que é, exemplos e como combater? Hand Talk. <https://www.handtalk.me/br/blog/preconceito-linguistico/>
- Bortoletti, M.,(2021), O que é preconceito linguístico, Estude para o Enem. <https://www.blogdoead.com.br/tag/estude-para-o-enem/preconceito-linguistico#:~:text=As%20consequ%C3%Aancias%20do%20preconceito%20lingu%C3%ADstico,-Como%20a%20principal&text=Ser%20exclu%C3%ADdo%20socialmente%20porque%20fala,especialmente%20se%20requerer%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20for%20mal.>
- Bortoni, R., & Maris, S., (2004), Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo. Editora Parábola, 2004. p.35.
- Cameron, D.(1995), Editora Routledge, 1ª Ed., p.115.
- Ibanez, F. (2021), Plurilinguismo e multilinguismo: quais as diferenças?, Alphatrad Portugal. [https://www.alphatrad.pt/noticias/plurilinguismo-multilinguismo-diferencas#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20o%20plurilinguismo,em%20tr%C3%AAs%20ou%20mais%20l%C3%ADnguas\).](https://www.alphatrad.pt/noticias/plurilinguismo-multilinguismo-diferencas#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20o%20plurilinguismo,em%20tr%C3%AAs%20ou%20mais%20l%C3%ADnguas).)
- MELO, G. C.,(1972), Alencar e a “língua brasileira”. 3ª Ed., Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, pp.11-12
- Labov, W.(1969). Contraction, Deletion, and Inherent Variability of the English Copula. Language, v.45(4), pp. 715-762. Doi.org/10.2307/412333
- Mariani, B.(2004), Colonização Linguística, 4. Línguas, política e religião. 1ª Edição, Editora Pontes, p.95.
- Monte, K.,(2022), Variantes linguísticas: o que são e como aparecem nos vestibulares. <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/variantes-linguisticas-o-que-sao-e-como-aparecem-nos-vestibulares>
- Perini, M.A.,(1999), Gramática Descritiva do Português. São Paulo. Editora Ática. 1999.
- Pinto, J.,(2023), Glotofobia, Gerador. <https://gerador.eu/glotofobia/>
- Possenti, S.(1996), Por que (não) ensinar gramática na escola. São Paulo, Editora Mercado das letras, p.80.
- RIGONATTO, M., (2023). "O que é variação linguística?"; Brasil Escola. <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-variacao-linguistica.htm>.
- Santos, G.,(2019), Glotofobia: da discriminação linguística ao racismo pelo sotaque, Buala. <https://www.buala.org/pt/a-ler/glotofobia-da-discriminacao-linguistica-ao-racismo-pelo-sotaque>

Souza, W.,(2023), Linguagem; Brasil Escola.

<https://brasilecola.uol.com.br/redacao/linguagem.htm>

Wardhaugh, R. & Fuller, J.M.,(2015). An introduction to sociolinguistics, Part I, cap.4,
Languages in Contact: Multilingual Societies and Multilingual Discourse, 7ª Edição,
Editora Wiley Blackwell. p.103.